

# Construção e desconstrução da identidade feminina a partir de uma leitura de obras de autoajuda

## *Construction and deconstruction of the female identity from a reading of self-help works*

Haya Del Bel

### Resumo

Este artigo objetiva identificar uma proposta de identidade feminina subjacente ao discurso de autoajuda que tematiza o comportamento de gêneros. A partir da análise de quatro obras que propõem distinções comportamentais para homens e mulheres, procuramos mostrar como o discurso de autoajuda atualiza, a partir de novas abordagens, paradigmas secularmente consolidados e mantidos pela sociedade ocidental. Para sustentar nossa análise, apoiamos-nos nas teorias sobre a identidade e a subjetividade de pensadores como Stuart Hall, Anthony Giddens e Félix Guattari; nos estudos sobre a cultura da autoajuda desenvolvidos por Francisco Rüdiger.

### Palavras-chave

Mulher; autoajuda; identidade feminina.

### Abstract

*The aim of this article is to identify the feminine identity underlying the self-help speech present in gender behavior. Through the analysis of four works in which distinctive behavior patterns for men and women are discussed, we intend to point out how the self-help speech updates, from new approach paradigms that have been consolidated and kept by western societies for centuries. We base our analysis on the theories about identity and subjectivity of thinkers such as Stuart Hall, Anthony Giddens e Félix Guattari; on studies about self-help culture by Francisco Rüdiger.*

### Keywords

*Woman; self-help; feminine identity.*

### Haya Del Bel (Gisele Mocci)

Universidade Federal de Mato Grosso

Professora Assistente da Universidade Federal de Mato Grosso de Saúde Coletiva (ISC). Pesquisadora do Núcleo de Estudos Ambientais e Saúde do Trabalhador (Neast). Cientista Social e mestre em Sociologia pela Universidade Federal do Paraná.

hayadelbel@ufmt.br

Percebemos que o século XX foi o século em que o maior número de esforços emanados de diversos grupos sociais, organizados formal e institucionalmente ou não, foram empreendidos com o objetivo de alcançar resultados que se somassem à determinação feminina de ampliar sua área de atuação do espaço privado (a casa) ao espaço público (o trabalho remunerado e a atividade política). Assim, chegamos ao novo século com uma realidade que inclui a mulher no mercado e no Estado capitalista, apesar das diferenças salariais e de condições estruturais de trabalho que continuam em pauta na agenda das intenções e das conquistas.

O desenrolar dessa nova fase para a mulher abrange a necessidade de significação e ressignificação da sua situação enquanto sujeito componente desse novo espaço para além de categorias monolíticas e pré-fixadas em unidades identitárias desvinculadas de novas situações (GUATTARI; ROLNIK, 2005). Além do que, a velocidade das mudanças, a instabilidade das identidades e os novos estímulos constituintes das subjetividades, sejam eles percebidos conscientemente ou não, obrigam a procura de mecanismos que auxiliem na ocupação de um espaço simbólico e mental, também na construção de uma imagem e um papel ainda estranhos ao sujeito.

Atualmente todos são incitados a se ajustar a uma cultura globalizada e retirar deste contexto as referências ou paradigmas para o comportamento individual e de classe. Com isso, a literatura de autoajuda, uma das dimensões dessa cultura midiática, surge – como para outros sujeitos, também para a mulher – como possibilidade de ferramenta de compreensão de si e de orientação de conduta no novo mundo.

Logo, instrumento proposto e aceito como meio de produção, normatização e orientação de comportamentos – vejam-se os recortes de vendas que a autoajuda alcança –, essa literatura propõe uma imagem de sujeito feminino que pode influenciar – e provavelmente influencie –, ações individuais e sociais da mulher contemporânea. Daí nosso interesse em buscar identificar o perfil feminino que os livros de autoajuda constroem e oferecem a seu público, e verificar com qual imagem a mulher atual e leitora de autoajuda está operando para motivar e significar sua conduta pessoal e social.

Em resumo, o objetivo geral deste artigo é verificar o perfil de mulher construído pela literatura de autoajuda, especialmente a esse público-alvo, na virada do século XX para o XXI, especificamente buscando identificar os mecanismos e as formas com que essa literatura de autoajuda constrói um perfil de mulher que pode orientar sua leitora na elaboração de sua subjetividade.

Partimos do princípio de que essa literatura de autoajuda propõe uma imagem de sujeito feminino que serve de baliza para orientar os comportamentos das leitoras e, assim, justificamos nosso interesse em identificar esta imagem representativa, que os livros de autoajuda elaboram e verificar exatamente com qual imagem de identidade essa leitora está operando. Na sequência lógica categorizamos os modelos, padrões, normas de conduta e características com os quais esses livros operam.

Em *Literatura de auto-ajuda e individualismo*, Francisco Rüdiger (1996) ocupa-se de estabelecer um vínculo entre a autoajuda e o individualismo que foi proposto e desenvolvido no ocidente a partir da ascensão do capitalismo burguês. A intenção do autor é mostrar como o individualismo está na base da autoajuda e, para tanto, o autor se concentra mais na autoajuda como um meio contemporâneo para o indivíduo referendar e fortalecer o individualismo. Por não ter como objeto as questões de relacionamento, volta-se mais para o culto da personalidade individualista e para o cuidado de si, ou seja, para o desenvolvimento do sujeito. Segundo Rüdiger a literatura de autoajuda

refere-se ao conjunto textualmente mediado de práticas através das quais as pessoas procuram descobrir, cultivar e empregar seus supostos recursos interiores e transformar sua subjetividade, visando a conseguir uma determinada posição individual supra ou intramundana (RÜDIGER, 1996, p. 11).

Foi a partir do século XX que as práticas de pensar e refletir sobre si (autorreflexão) ganharam fôlego e o fenômeno pode ser visto dentro do quadro de uma sociedade fragmentada e sem amparo para a construção de uma identidade e condutas de vida individuais. Para Rüdiger, o contexto de mudanças sociais levou o indivíduo a questionar sua liberdade e sua ética de conduta, agora com o objetivo de uma validação espiritual. Em decorrência destes fatos a racionalização e a reflexividade, que favorecem e estruturam a subjetivação, são fruto do sistema capitalista, que teve como uma de suas consequências a separação do sujeito de suas condições anteriores e naturais de vida. Para o autor, no início da modernidade, essas possibilidades eram restritas a um pequeno grupo de indivíduos que pertenciam às camadas dominantes da sociedade. A disseminação desse processo, que já existia de forma embrionária e se transforma no final do século XX em fenômeno de massa, ocorreu com o surgimento de diversos movimentos de ampliação do mercado de bens culturais do século XIX. Levando adiante o raciocínio, o autor afirma que essa reviravolta transformou as “práticas de si em fenômeno da cultura de massa” e hoje a reflexividade encontra-se imbricada ao núcleo da subjetividade e esse movimento aumenta proporcionalmente com o recrudescimento da diferenciação das diversas esferas de valores e sistemas de ações sociais.

Teoricamente afirmamos que a questão da identidade e da formação da subjetividade é discutida nas teorias sociais. Com autores, como Giddens (2002), Hall (2005) e Guattari (2005), nota-se na cultura globalizada do século XX a existência de uma dificuldade de elaboração da identidade unificada e indivisa a partir de uma realidade fragmentada. Essa dificuldade gera uma crise de identidade que leva o sujeito a procurar elementos que possam auxiliá-lo na racionalização e no entendimento de si mesmo enquanto “eu” perante a realidade de seu contexto. Guattari (2005) acresce a essa possibilidade de leitura da atualidade a noção de formação da subjetividade, que é assumida pelos indivíduos em suas existências particulares e lhes dá a possibilidade de agir ou não mediante os estímulos diversos e externos.

Guattari e Gilles Deleuze propõem os conceitos de subjetivação e singularização. Inicialmente, os autores substituem o conceito clássico de sujeito como a definição de uma “suposta natureza humana” pela ideia de uma subjetividade que é elaborada socialmente, modelada e fornecida para consumo por agentes de produção semiótica (GUATTARI; ROLNIK, 2005, p. 33). O sujeito passa então a ser concebido como um feixe de energias em movimento, sejam religiosas, artísticas, econômicas ou outras, vivendo “um possível pré-estruturado” na realidade em que se encontra (GUATTARI; ROLNIK, 2005, p. 52). Essas formas de subjetividades são produzidas e consumidas como mercadorias e asseguram o *status quo* da hierarquia social e somente através delas as realidades podem ser controladas e dirigidas para os fins da cultura dominante. No entanto, sua ação nunca é determinista, pois a constituição da subjetividade pelo indivíduo dá-se num processo plural de combinação dessas referências coletivas com desejos, anseios e emoções pessoais.

A cultura não é, então, somente um conjunto de modelos ou um modo de transmissão de informações, mas também a forma de se exercer um “mercado geral de poder”. Da mesma maneira que o capital codifica as relações econômicas e sociais, a cultura produz os sistemas semióticos de produção, circulação e consumo do poder. No caso do capitalismo, esse

poder é de caráter etnocêntrico e logocêntrico, separando territórios culturais entre si, privilegiando raças e nações e erigindo modelos racionalizantes de conduta a partir de paradigmas da cultura hegemônica. Existiria, assim, para o autor, uma subjetividade “capitalística”, global e total, regendo os mecanismos sociais deflagrados pelos desdobramentos históricos da Revolução Francesa.

O novo sujeito foi fundado, a partir de então, sobre as bases de sua relação com o pensamento (cartesiano), com a lei moral, com a natureza e com o outro feito objeto (GUATTARI; ROLNIK, 2005, p. 31). Esse sujeito é modelado em série, fruto de uma subjetividade universal formulada pelos equipamentos coletivos de subjetivação, dos quais a mídia é um dos principais vetores e a cultura de massa sua mais expressiva manifestação, com sua máquina de produzir indivíduos “normalizados, articulados uns aos outros segundo sistemas hierárquicos, sistemas de valores, sistemas de submissão” (GUATTARI; ROLNIK, 2005, p. 23).

Contra esse efeito alienante de individuação e padronização da subjetividade, Guattari opõe os processos de singularização, reação automodeladora na qual o indivíduo se reapropria dos componentes da subjetividade e produz respostas originais ao conjunto de modelos veiculados pelos agentes da subjetivação capitalística. Nesse caso, uma autonomia avaliativa traduz os elementos da situação e elabora seus próprios sistemas de referência, escapando à dependência dos modelos propostos pelas máquinas de produção globais. Esse exercício de autonomia e liberdade contraria, portanto, até mesmo as propostas de identidade cultural ou de grupo, uma vez que estas, para Guattari, poderiam veicular modelos de subjetividade sedimentados pelos sistemas capitalísticos de subjetivação e, de qualquer maneira, estariam propondo formas territorializadas, isto é, circunscritas, de ação, o que sempre pode cercear a atividade livre e autônoma do desejo.

Assim, ao lado dos processos de subjetivação coletivos e até em certa medida contra eles, existiriam maneiras criativas de elaborar subjetividades e propô-las aos mecanismos sociais.

Para o autor, essas alternativas autônomas de subjetivação, entretanto, são na maior parte das vezes policiadas ou contidas por uma função de culpabilidade da subjetividade capitalística: como precisamos dar consistência a nossas singularidades e assumir uma posição existencial, preferimos o mais das vezes aceitar e interiorizar automaticamente um modelo prévio de referência ou identidade a propor, justificar e consolidar novas formas de subjetividade. No vácuo cavado pelas necessidades de referência penetram sempre os agentes da subjetividade capitalística para recuperar os desvios e integrá-los no sistema global de referências:

A tendência atual é igualar tudo através de grandes categorias unificadoras e redutoras – tais como o capital, o trabalho, um certo tipo de assalariamento, a cultura, a informação – que impedem que se dê conta dos processos de singularização. Toda criatividade no campo social e tecnológico tende a ser esmagada, todo microvetor de subjetivação singular, recuperado (GUATTARI; ROLNIK, 2005, p. 48-49).

Notamos que este contexto é o que sustenta, por exemplo, boa parte da literatura de autoajuda, que, cuidando de oferecer modelos aos territórios de subjetividade em crise, propõe esses modelos recuperando ou atualizando valores avalizados pelos modos de subjetivação capitalística. Nas obras analisadas vimos como modelos de comportamento para os gêneros e distinções de papéis sexuais seculares são atualizados e traduzidos em jargões científicos que podem recuperar posições desviadas de sua orientação tradicional. Trata-se daquele mecanismo, exposto por

Guattari, de fortalecer as imagens territoriais para minar as tentativas de rompimento de fronteiras entre as subjetividades:

A meu ver, é porque o pânico gerado pelo processo vertiginoso de desterritorialização da família que estamos todos vivendo (o que implica evidentemente na desterritorialização de uma certa imagem de homem, de mulher e das relações entre ambos: a imagem romântica do “amor”) provoca o aparecimento defensivo de inúmeras formas de denegar essa situação e perpetuar esse tipo de território (GUATTARI; ROLNIK, 2005, p. 81).

Tomamos, portanto, para nossas reflexões durante esta pesquisa, a noção de identidade, defendida por Guattari, como espaço territorializado de subjetividades, e entenderemos uma “identidade feminina” como uma proposta de subjetividade territorializada, neste caso, pela mídia dos livros de autoajuda.

A realidade em que se constroem as subjetividades nos últimos tempos é facilmente observada na situação feminina, uma vez que a mulher, no século XX, conquista um novo papel social, o de trabalhadora que, em muitos casos, a eleva a provedora da casa e a habilita a também ocupar cargos políticos públicos. Ao lado dos papéis sociais já definidos historicamente para o gênero feminino (a maioria deles retrata o espaço privado – o lar), surgem então estes outros que exigem da mulher a interação com um novo sistema de valores e comportamentos até então estranhos ao gênero.

Essa realidade não tira do foco a aparente crise de identidade geral, o sentimento de solidão e a sensação de se estar sempre “perdido”, sentimentos que atinge em menor ou maior grau todos os indivíduos desta época. Para preencher estas necessidades do sujeito feminino específico, são, portanto, propostos os livros de autoajuda dirigidos ao desempenho pessoal e profissional da mulher, com regras, normas, dicas, relatos de experiências positivas ou negativas de comportamento, valores e atitudes que têm como função servir de modelos ou referências para as leitoras que identificam em suas vidas os problemas que eles elencam. A essa literatura recorre, supomos, boa parte das mulheres com dificuldade de composição de uma subjetividade e tomada de consciência do processo de identificação do sujeito feminino. É ela, a ferramenta auxiliadora na autoafirmação da “mulher enquanto mulher” que esteve historicamente habituada a outros papéis e identificações.

Após um cuidadoso e metódico trabalho de seleção – que levou em conta o tema da obra, a data de publicação, a circulação e o posicionamento no *ranking* de público –, chegamos a quatro obras, abordadas integralmente, que passaram a ser nosso objeto de estudo. Estas obras são: 1) *Por que os homens fazem sexo e as mulheres fazem amor?* (PEASE; PEASE, 2000) e 2) *Por que os homens mentem e as mulheres choram?* (PEASE; PEASE, 2003), ambos da autoria do casal Allan e Bárbara Pease; 3) *Homens são de Marte, mulheres são de Vênus* (GRAY, 1995), de John Gray; e 4) *Homem cobra, mulher polvo* (TIBA, 2004), do autor brasileiro, Içami Tiba.

Ao nos propormos refletir sobre a literatura de autoajuda, temos de saída pelo menos três possibilidades evidentes, tomadas a partir dos três elementos componentes do processo de comunicação: o emissor, a mensagem e o receptor. A primeira forma de abordagem seria uma análise dos meios de produção das obras de autoajuda, seu contexto de elaboração e as marcas ideológicas desse sistema; uma segunda abordagem seria o estudo minucioso e refinado dos textos produzidos; finalmente se poderia proceder a uma análise da recepção e da significação, para cada leitor ou grupo de leitores, dessas informações. Pensamos que todas as três abordagens são

tão necessárias quanto complementares, porém este artigo procura somar voz a trabalhos e publicações que exploram as duas primeiras abordagens para o estudo da mídia de massa.

Percebemos que a literatura de autoajuda oferece modelos de subjetividade para suas leitoras e que esses modelos são a reafirmação de valores propostos pelos modos de subjetivação capitalística identificados pelo pensador Félix Guattari (2005). Os comportamentos que são aconselhados para ambos os sexos são recuperações, a partir de um embasamento pseudo-científico, de padrões tradicionais de condutas masculinas e femininas.

Para identificar uma imagem de mulher pressuposta e veiculada no discurso dos textos que selecionamos para nossa pesquisa, procuramos estabelecer categorias ou ângulos de abordagem sob os quais a mulher é contemplada.

Todos os autores analisados buscam abranger em sua discussão diversas dimensões do convívio entre homens e mulheres e pautam sua argumentação a partir das zonas de conflito. Com isso, as obras elencadas cobrem as seguintes áreas de conflito: SEXUALIDADE, NAMORO E CASAMENTO, AFETIVIDADE (formas de o indivíduo lidar com seus sentimentos e emoções), MATERNIDADE/PATERNIDADE E EDUCAÇÃO DOS FILHOS, COGNIÇÃO (maneiras peculiares de inteligência e processamento de informações), SOCIABILIDADE (disposições para o convívio com outros indivíduos) e TRABALHO. Por outro lado, nenhuma delas aborda diretamente as formas de cada sexo lidar com questões espirituais ou religiosas – zona de menor conflito aparente entre as identidades sexuais – mas também se esquivam de observações diretas sobre espaço e mercado de trabalho, gestão econômica e de finanças, pessoal ou familiar, regiões sabidamente tensas no cotidiano dos casais em condições de convívio diário.

Situações “reais” ou fictícias do convívio entre homens e mulheres servem aos autores para discorrer sua análise das diferenças de papéis e de comportamentos entre os dois sexos. A partir dessas descrições, constrói-se, para um e outro sexo, um perfil que pode conduzir à proposta de uma identidade de gênero para cada um dos lados. Para facilitar ao leitor o acompanhamento das diferenças entre os sexos apontadas pelos autores em cada uma das dimensões supracitadas, criamos seis categorias, e vamos abordá-las uma a uma.

## 1 - Sexualidade, namoro e casamento

Como nos segmentos abordados até aqui, também no amor e na sexualidade mantém-se a dicotomia básica que separa as condutas masculina e feminina: a atividade e o movimento são atitudes próprias do homem como a passividade e a inércia o são da mulher. Para os primeiros passos do amor, a etapa da paquera e do namoro, Içami Tiba avisa:

Uma polvo sabe que um cobra valoriza a conquista de algo que nenhum outro conseguiu, mas despreza o que lhe foi fácil obter. O grande trunfo da polvo é proporcionar ao cobra a sensação da conquista, quando, na realidade, é ela que determina os passos dele (TIBA, 2004, p. 15-16).

Estamos aqui diante do velho jogo da sedução e da conquista amorosa e no hábito secular de incluir a primeira “ação” entre os atributos femininos e a segunda entre os masculinos. Seduzir é o que faz a mulher, isto é, sem se deslocar ou mover-se, atrai sobre si a atenção do outro, utilizando um magnetismo que abre caminho para o deslocamento do macho, rumo a sua receptividade de fêmea. Já o homem é o conquistador, o invasor de terras, é ele que se movimenta sobre e para o outro, é dele, mais uma vez, o domínio

da ação no mundo. Pease & Pease propõem “dicas testadas e aprovadas há 5.000 anos” para o homem conquistar uma mulher: “1. prepare o ambiente; 2. providencie a comida; 3. acenda o fogo; 4. compre flores; 5. convide pra dançar; 6. não deixe faltar champagne e chocolate” (PEASE; PEASE, 2000, p. 216-218). A lista de recomendações privilegia as esferas do agir e do prover. À mulher não cabe à conquista: ela é o objeto a ser granjeado. Daí deriva outra condição feminina: a de objeto, e não sujeito, do desejo, e a conseqüente necessidade de que a mulher esteja sempre bonita e bem arranjada para atrair a atenção do macho, afinal, “o homem é visualmente atraído por curvas, pernas e formas. Qualquer mulher de formas e proporções normais chama sua atenção” (PEASE; PEASE, 2000, p. 184). Isso ocorre porque, segundo os autores, os signos visuais são muito importantes para o homem, que, portanto, “usa inconscientemente a aparência da mulher como medida do respeito e do amor que ela tem por ele” (PEASE; PEASE, 2003, p. 218-219). O casal chega a fornecer uma lista de prioridades que o desejo masculino considera numa mulher: “1. Silhueta atlética; 2. Boca sensual; 3. Seios fartos; 4. Pernas longas; 5. Quadris redondos /Cintura fina; 6. Nádegas hemisféricas; 7. Olhos atraentes; 8. Cabelos longos; 9. Nariz pequeno; 10. Ausência de barriga; 11. Costas arqueadas; 12. Vulva arqueada; 13. Pescoço alongado” (PEASE; PEASE, 2003, p. 205), e alertam para a preferência da “forma de pêssego” para as nádegas (PEASE; PEASE, 2003, p. 209). Além disso, preferem que as mulheres usem o sapato alto, que “reforçam o perfil sexual das mulheres alongando-lhes as pernas, arqueando as costas, empinando as nádegas, diminuindo os pés e empurrando a pélvis para frente” (PEASE; PEASE, 2003, p. 207). Finalmente, concordam com a tradição de que inteligência não é atributo feminino, e chamam, para testemunho, a arte de pintores e poetas:

Nos últimos sessenta anos, quase todos os estudos sobre a atração chegaram às mesmas conclusões a que chegaram pintores, poetas e escritores nos últimos seis mil anos: o corpo e a aparência da mulher exercem maior atração sobre os homens do que sua inteligência e qualidades, mesmo no politicamente correto século XX. (PEASE; PEASE, 2003, p. 204).

A conclusão é, pois, que, se pintores e poetas exaltaram a beleza, é porque ela é naturalmente desejável, e esquece-se que, na cultura, como na biologia, também existe herança de modelos. Diante de afirmações como essas, torna-se impossível livrar o sujeito feminino de seu destino de objeto de desejo, contra o qual lutam tantas feministas. Pelo contrário, segundo os autores, o melhor é conformar-se a ele.

Eles acrescentam, ainda, um estudo demonstrando que as mulheres norte-americanas que diversificam as “roupas íntimas sensuais” conseguem manter com mais eficiência a fidelidade de seus parceiros. “Essa é uma das formas de adaptar ao relacionamento monogâmico a necessidade masculina de variar”, concluem os autores (PEASE; PEASE, 2000, p. 180).

Para John Gray, estabelecer limites e receber são muito amedrontadores para uma mulher. Ela está comumente com medo de precisar demais e então ser rejeitada, julgada, ou abandonada. Rejeição, julgamento e abandono são mais dolorosos porque bem no fundo do seu inconsciente ela acredita, erroneamente, que não é merecedora de receber. Essa crença se formou na infância a cada vez que ela tinha que reprimir seus sentimentos, necessidades ou desejos. (GRAY, 1995, p. 65).

Para elucidar as condutas ativa e passiva de homens e mulheres, respectivamente, o autor cria duas metáforas também esclarecedoras na análise dos perfis comportamentais propostos para homens e mulheres. Ele associa o homem ao “elástico” e à mulher à “onda”, para exemplificar a conduta móbil do primeiro e estacionária da segunda: “Os homens e

mulheres têm seus ritmos e ciclos próprios. Os homens se retraem e se aproximam, enquanto as mulheres sobem e descem em sua habilidade de amar a si mesmas e aos outros” (GRAY, 1995, p. 126). Nestas metáforas, o autor pretende sintetizar, de um lado, aquele comportamento masculino de “natural” afastamento durante as relações, bem como a condição feminina de variar seu humor conforme o amor que sente o parceiro lhe demonstrar.

O homem se afasta, portanto, por uma necessidade natural, constitutiva de seu sexo, e esse afastamento ocorre sem motivos exteriores. Em outras palavras, é próprio do macho da espécie não querer ou não poder manter por muito tempo a intimidade entre o casal, pois ele estaria sempre compelido a viver uma liberdade que é própria do sexo. Quanto à definição de “amor”, esta fica obscura, pois, ainda que o categorizem como uma “emoção”, os autores o confinam a uma origem bioquímica, vinculada aos estímulos sexuais. Por outro lado, não deixam de considerá-lo à parte, e usam a distinção entre os dois conceitos para confortar a mulher incomodada com as “traições” do parceiro. Eles avisam que é uma limitação masculina não conseguir associar o sentimento ao ato, embora o sentimento exista, mesmo quando o desejo sexual se dirige para outra mulher. A confusão talvez se desfaça, quando os autores identificam amor com “compromisso” e sexo com “cópula”. Para eles, a presença de atos de carinho, palavras e signos românticos traduziriam o conforto da segurança: “A mulher sabe que ela se sente protegida, valorizada e querida e os dois já chegaram à fase da afinidade” (PEASE; PEASE, 2000, p. 209).

Quando, portanto, a relação entre o casal vai além da cópula e se estende por um “prazo” maior, a situação agrada a mulher, preocupada com a estabilidade do relacionamento: “A mulher sempre acha que o relacionamento é mais importante para ela que para ele – e é mesmo” (PEASE; PEASE, 2000, p. 124). Mesmo neste caso, entretanto, tudo está determinado pela biologia: “Para a mulher, manter um compromisso, pelo menos até que sua prole seja autossuficiente, é algo que está programado em sua psique” (PEASE; PEASE, 2003, p. 116). Ao contrário, o homem demonstra “fobia” a compromisso no relacionamento: “Pensam que pronunciar a palavra “amor” possa significar compromisso para a vida toda e o fim de qualquer possibilidade de entrar em uma banheira cheia de mulheres lindas e nuas” (PEASE; PEASE, 2000, p. 209). Essa aversão ao compromisso recua, no entanto, com o avanço dos anos e a redução do nível de testosterona torna o homem “mais voltado para a família” na faixa de idade entre os 50 e os 60 anos (PEASE; PEASE, 2000, p. 144).

As diferenças na consideração do relacionamento produzem, por outro lado, formas também distintas de conduzir o ato sexual. Embora os quatro livros analisados concentrem-se prioritariamente sobre a relação amorosa entre homens e mulheres, os de John Gray e de Içami Tiba são reticentes em abordar diretamente a sexualidade. Os conselhos concentram-se, na maioria das vezes, nas relações emocionais e nos conflitos que comprometam a comunicação interpessoal. Já em uma de suas obras, Pease e Pease dedicam um capítulo inteiro para dissertar sobre “o que homens e mulheres buscam no sexo”. Segundo os autores, para o homem o sexo é uma forma de liberação de tensões ou de “expressar fisicamente o que não consegue expressar emocionalmente”. A mulher, ao contrário, só se sente apetejada para o ato se for submetida primeiro a estímulos que a envolvam numa atmosfera em que o ato sexual surja como culminação da relação dos corpos. Os autores asseguram que uma mulher precisa de, pelo menos, 30 minutos de preparo para o ato sexual. Reaparece, aqui, aquela concepção da mulher como vazio a ser preenchido pelo sujeito masculino.



## 2 - Afetividade

Conforme os textos analisados, cada um dos sexos tem maneiras diferentes de lidar com sua subjetividade emocional e com a condução e expressão de seus sentimentos. Decorre dessa distinção essencial, aliás, para John Gray, todo o complexo de traços distintivos entre os comportamentos de homens e mulheres. Para ele, o homem é mais reservado, não enfatiza seus sentimentos, especialmente os que lhe apontem qualquer fragilidade, e prefere resolver sozinho seus problemas. Já a mulher, essencialmente comunicativa, gosta de expressar suas emoções e valoriza as relações mútuas e o diálogo. Içami Tiba segue Gray: “A polvo diz o que está sentindo, pede e oferece ajuda com a maior naturalidade, enquanto o cobra quer resolver tudo sozinho” (TIBA, 2004, p. 50). Dessa forma, cada sexo vai experimentar e fazer experimentar seus sentimentos de maneiras distintas, o homem calando-os, interiorizando-os e evitando sua demonstração em público ou mesmo ao parceiro, a mulher chamando sobre eles a atenção do parceiro ou de outras mulheres: “Os homens não esperam que os outros homens falem muito e nunca insistem em conversar” e acreditam que “falar só faz piorar as coisas”, mas “as mulheres acreditam que falar faz todo mundo se sentir melhor” (PEASE; PEASE, 2003, p. 112-113 e 152). Além disso, homens nunca falam entre si sobre seus sentimentos: “Quando conversam os homens falam sobre trabalho, esportes, carros e mulheres” (PEASE; PEASE, 2003, p. 112-113).

Conclui-se, que um homem não expõe seus sentimentos por vergonha de que eles denunciem uma fragilidade ou incompetência que seu sexo não pode admitir, ao contrário da mulher, aparentemente imune a essa insegurança com relação a suas próprias fraquezas. No entanto, pode-se deduzir igualmente que, enquanto uma mulher concentra-se na falha, isto é, no seu sentimento de impotência, guiando-se por ele no seu comportamento e procurando conversar sobre seus sofrimentos e seu estado de confusão diante do problema, o homem se orientaria por uma busca de solução para a dificuldade. O comportamento dela pressupõe uma inércia diante do problema que equivaleria no homem ao oposto, ao ato de uma mobilização para enfrentar o problema e superá-lo. Além disso, enquanto o homem “se concentra na resolução de um problema”, escolhendo, para isso, “o problema mais urgente ou mais difícil” (GRAY, 1995, p. 42), a mulher, interessada apenas na confissão, expandiria a atenção e seu sentimento de fraqueza a outras áreas contíguas àquela da esfera do problema central, transferindo sua concentração da busca de uma resposta para uma reflexão sobre o próprio aborrecimento e sua necessidade de atenção.

Por ter sido destinado à responsabilidade de caçar, guerrear e proteger, o homem adquiriu o traço biológico de procurar soluções a toda situação de dificuldade, desenvolvendo de forma mais eficiente do que a biologia feminina a região cerebral dedicada à visão espacial e à concentração, responsável, entre outras coisas, pela atenção aos objetivos e à resolução de problemas. O resultado disso é que todo macho acaba se definindo pelo sucesso nos resultados da resolução de problemas práticos (PEASE; PEASE, 2003, p. 45). Certamente que, combinada com a explicação histórica, segue a consequente determinação biológica adquirida com os séculos de comportamento redundante. A experiência histórica que favoreceu a afinidade com as questões emocionais converteu-se, por exemplo, na mulher, em estrutura neurológica.

### 3 - Maternidade, paternidade e educação dos filhos

Muito desta dinâmica amorosa e sexual, como vimos, é determinada, na opinião dos autores analisados, pelo imperativo biológico de reprodução para preservação da espécie. Assim, se a mulher procura um provedor no parceiro e existe como carência é porque precisa de um bom reprodutor, que saiba preencher-lhe o vazio da vida, como o vazio do útero, com filhos que lhe confirmam sentido à existência.

Neste aspecto, as diferenças entre homem e mulher tornam-se ainda mais nítidas e ganham contornos mais fortes na visão dos autores, que vêem nas disposições de cada sexo para a formação de família e o cuidado com a prole qualidades extremamente opostas. Já pudemos perceber como os autores atribuem uma indisponibilidade congênita no sujeito masculino para conter sua promiscuidade e estabelecer um relacionamento estável. Enquanto a mulher, para os autores analisados, apresentaria uma tendência “natural” para a maternidade, ao homem a assunção de filhos e a formação de família não surge como necessidade inata. A mulher é, pois, biologicamente determinada à maternidade, ao contrário do homem, que só assume a condição de pai por uma injunção cultural.

### 4 - Cognição

Condições e formas distintas de sentir e se relacionar desdobram-se em maneiras diferentes de inteligência e processamentos de informações para os dois sexos. Como vimos, os autores conferem à mulher atenção maior sobre os sentimentos, enquanto os homens se voltariam mais à conquista do mundo dos objetos no espaço exterior. O cérebro masculino está voltado para o trabalho na realidade, ele precisa voltar sua inteligência para criar meios de poder e domínio, por isso Içami Tiba afirma que “para o cobra, é um sacrifício continuar na cama se o cérebro e o corpo já acordaram” (TIBA, 2004, p. 21). Ao contrário, uma mulher, segundo os textos analisados, não opera informações para solucionar problemas, para combiná-las num discurso lógico que resulte numa ação sobre a realidade.

Aquilo, pois, que se entende por atividade racional, isto é, a operação lógica de informações e cálculos para um fim prático e útil, seria domínio do masculino. Segundo uma antiga fórmula, também para estes autores o cérebro ou a psique feminina está melhor preparada para sentir do que para pensar logicamente. É o intelecto masculino que está preparado e adequado à atividade racional e científica, à resolução de problemas práticos e dificuldades que exijam concentração e lógica. A mulher deve aceitar essa condição e eximir-se de dar palpites. A solução, quando se tem um problema a ser resolvido, deve vir do macho da espécie.

Pease e Pease também são categóricos: “Quando se trata de resolver quebra-cabeça, a supremacia masculina é indiscutível” (PEASE; PEASE, 2000, p. 108). O talento feminino estaria no conhecimento emocional e intuitivo dos objetos e seres circundantes, para atingir dois imperativos biológicos: a defesa do espaço doméstico e a comunicação com a prole.

### 5 - Sociabilidade

Diferenças entre modos de lidar com suas emoções resultam em distintas condutas sociais e disposições para o convívio com outros indivíduos. Assim, para os autores estudados, homens e mulheres apresentarão diversidades na maneira de conceber a vida em comunidade e

nos valores que enfatizarão para o desempenho de sua vida social. As mulheres, por exemplo, segundo Içami Tiba, “não vêem problema em se encostar uma na outra, trocar ou mesmo compartilhar o que estiverem usando” e até sentem “prazer e entrosamento para ocupar o mesmo espaço, ainda que o lugar não comporte tantos tentáculos”, ao contrário dos homens, que “marcam território, não invadem o do outro nem querem o seu invadido” e, se tiverem seu espaço individual de alguma forma invadido por outro indivíduo, “reagem violentamente” (TIBA, 2004, p. 52). Pease e Pease afirmam que um “estudo cuidadoso concluiu que mesmo os meninos mais sensíveis ao toque não chegavam ao índice alcançado pelas meninas de menor sensibilidade” e que, na vida adulta, a sensibilidade da pele feminina é cerca de dez vezes maior do que a da pele masculina” (PEASE; PEASE, 2000, p. 42). Um hormônio – a ocitocina – é o que estimula na mulher a vontade de ser tocada e a faz dar maior importância aos carinhos do que seu parceiro masculino (PEASE; PEASE, 2000, p. 42)

Os homens, por outro lado, são agressivos e seus hormônios “podem ser chamados hormônios da agressão”, especialmente a testosterona, que é “responsável pela sobrevivência da espécie”, já que é ela quem impele o homem ao enfrentamento da caça e dos predadores (PEASE; PEASE, 2000, p. 142).

## 6 - Trabalho

O trabalho não está presente nas quatro obras analisadas. Quando se propõem oferecer conselhos para a harmonização das relações entre casais, os autores concentram-se nos conflitos percebidos e vividos no espaço privado. No entanto, é sempre possível concluir, da leitura de alguns excertos, algumas concepções sobre diferenças de ocupação do espaço de trabalho por homens e mulheres. Se nos detivéssemos apenas naquela condição insistentemente aventada por John Gray, por exemplo, de uma carência feminina, sempre necessitada de ser satisfeita, facilmente poderia ser conduzido o leitor a transferir para o espaço público a observação do autor e assim acreditar numa condição naturalmente posta de provedor para o sujeito masculino, o que lhe deveria assegurar preferências na ocupação do mercado de trabalho.

Além disso, a descrição de outros comportamentos “típicos” para homens e mulheres podem sugerir uma divisão simbólica do espaço de ação, com consequências para uma reflexão sobre a atuação dos sexos no mercado de trabalho.

Tiba associa ao homem um interesse que parece natural pelo mundo das ferramentas, imagem sabidamente correlata e simbólica da esfera do trabalho na dinâmica cultural. Ao contrário, ele não se sente próximo de objetos associados ao espaço doméstico e à sua manutenção, o que leva a crer sejam estas dimensões reservadas à atividade feminina. Além disso, o homem se interessa por ofertas e produtos mais baratos, condutas que podem trair uma concepção do macho humano como detentor ou gerente das finanças da família.

Pease e Pease, aqui, também se apoiam em pesquisas de preferências para validar suas observações sobre a distinção dos papéis. Segundo o casal, “todos” os estudos realizados na década dos 90 mostraram que “70% a 80% dos homens em todo o mundo ainda dizem que a parte mais importante de suas vidas é o trabalho, enquanto que 70 a 80% das mulheres afirmam que é a família é prioridade absoluta” (PEASE; PEASE, 2000, p. 123). Para os autores, como já deve ter ficado claro pela exposição até aqui, é a estrutura do cérebro de cada sexo que atua “na determinação de seus interesses” (PEASE; PEASE, 2000, p. 113), pois as peculiaridades cognitivas de cada sexo vão, por sua vez, determinar maior ou menor talento para atividades diferenciadas.

O casal Pease aconselha a cada um dos sexos é que procure atividades profissionais adequadas a suas habilidades específicas. Não recomendam,

por exemplo, que as mulheres tentem ocupar espaços no mercado de trabalho desenvolvidos e mantidos pelos homens:

O que as mulheres podem concluir de tudo isso? Que o importante é, em vez de querer competir no campo em que os homens têm maior capacidade, optar por carreiras e ocupações em que podem exercer as aptidões naturais que estão de acordo com a orientação de sua estrutura cerebral (PEASE; PEASE, 2000, p. 112).

O problema é que, como já vimos, as habilidades apontadas para o sexo feminino geralmente a confinam ao espaço privado e ao ambiente doméstico, o que desencorajaria a ocupação da esfera pública pelas mulheres. O que eles recomendam, nesse caso, é o abandono da ideia de que o espaço masculino de atuação seja superior ao feminino. Em outras palavras, parecem sugerir que a mulher mantenha-se em suas esferas de ação e modifique apenas o seu ponto de vista sobre elas.

Para efeitos ilustrativos, agruparemos as seis categorias em um gráfico.

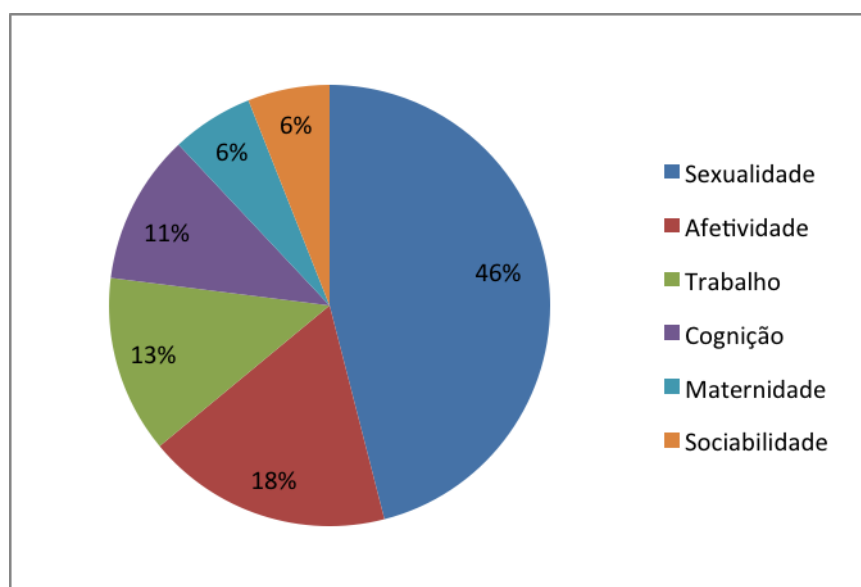


Gráfico 1- CATEGORIAS

Ao observar esse gráfico, notamos que o destaque dado às funções femininas ligadas ao espaço privado ou à natureza é muito maior do que o destinado ao espaço público e cultural. A importância destinada a assuntos que dizem respeito à sexualidade, à afetividade e à maternidade (que somadas totalizam 70% do espaço médio que os autores ocuparam para apresentar cada tópico), deixa claro que, nos textos de autoajuda analisados, os relacionamentos íntimos e as questões biológicas são prioridades sobre o social, nesse caso representado pela cognição, sociabilidade e trabalho (30%).

### Apontamentos finais:

Verificamos que a literatura de autoajuda traz, de fato, valores e orientações para conferir sentidos a ações e comportamentos femininos sociais. Essa literatura propõe uma imagem de sujeito feminino que serve de baliza para orientar os comportamentos das leitoras. Em outras palavras, a hipótese aventada foi de que a literatura de autoajuda ofereceria modelos de subjetividade para suas leitoras e que esses modelos seriam a reafir-

mação de valores propostos pelos modos de subjetivação capitalística. Nesse sentido, os comportamentos que são aconselhados para ambos os sexos são recuperações, a partir de um embasamento que se pretende científico, de padrões tradicionais de condutas masculinas e femininas. Portanto, esta hipótese e seus desdobramentos se confirmaram em nossos estudos e análises.

Na busca por essa imagem representativa, essa identidade, essa sequência de estímulos, modelos, padrões, normas de conduta e características com os quais esses livros operam, gostaríamos de fazer algumas considerações.

Primeiramente, os autores não procuram debater posições e papéis, pois, segundo eles, se está havendo um conflito entre os sexos, isso não se deve a reivindicações de um ou outro por mudanças, mas porque ambos desconhecem suas determinações e a fixidez de seus papéis. Em vez de identificar, analisar ou até simplesmente aceitar os desvios como possíveis propostas de singularização, os autores optam por uma marginalização desses processos e apontam como solução a reinstauração de papéis definidos através daquilo que eles chamam de “consciência das diferenças”. Não são problematizados, por exemplo, a condenação do silêncio masculino na relação a dois, a recusa da vocação materna e da posição feminina de objeto de desejo e consumo ou até o protesto contra a imagem de um mau desempenho feminino no trânsito; ao contrário, singularidades como estas são tomadas como atitudes consequentes da ignorância de determinações biológicas que nos predispõem a agir conforme identidades sexuais e de gênero propostas pelo sistema vigente. A ação dos autores desenvolve-se na tentativa de redirecionar os desvios geradores de conflitos para uma acomodação a valores sedimentados pela cultura patriarcal. Às vezes, lêem-se conselhos explícitos recomendando o enquadramento e o abandono de toda luta contra os padrões estabelecidos. Uma vez que o objetivo das obras analisadas é aconselhar no relacionamento a dois, toda tentativa de singularidade é rapidamente inibida sob a ameaça de que pode gerar uma zona de conflito, e o inimigo maior não é a infelicidade pessoal, mas a presença de desarmonias entre os indivíduos e entre estes e as representações coletivas.

Notamos também que quando se constroem sistemas semióticos para a conduta dos sexos, paralela e inevitavelmente se elaboram espaços circunscritos para a realidade do corpo e a ação do desejo. Se um homem ou uma mulher age de tal ou qual maneira é porque seus corpos são limitados a estas esferas de ação. Homens e mulheres possuem corpos diferentes, por isso o bem-estar e a felicidade pessoal dependem da correta gerência desses corpos e do reconhecimento de seus limites intransponíveis. Todo corpo é determinado, logo todo desejo também o é.

Sabemos, também, que os canais de ancoragem para credibilidade do discurso buscam ocupar os espaços de interação semiótica em que o sujeito pode atuar para encontrar suas referências de conduta: esferas de identidade de grupo, ligações afetivas, posições hierárquicas de responsabilidade, teorias científicas e doutrinas filosóficas e outros. A consciência do descenramento dos veículos de poder traduz-se nesse cuidado em fazer o discurso percorrer o máximo possível de segmentos semióticos, de maneira a torná-lo, se não aceitável em um plano, imediatamente referendado em outro.

Embora os autores afirmem que baseiam seus preceitos em teorias das ciências humanas e biológicas, sabe-se o quão pantanoso é o terreno da discussão científica sobre o qual eles pretendem caminhar com segurança. Sabendo que a maior parte de nosso sistema nervoso central só se desenvolve nos dois primeiros anos de vida, indicando que muito de nossa constituição biológica possa ser fruto de nossos hábitos e experiências e não o contrário, concluímos, então, que a literatura de autoajuda analisada, ao prestar um serviço muito maior ao biológico, aplanar e banaliza o social.

Certamente, não se deve imaginar que os autores das obras analisadas pertençam a algum movimento organizado de conservação do *status quo* da subjetividade capitalística diagnosticada por Guattari. Como lembram estes pensadores, o poder não é centrado e o que ocorre com estes discursos é que, por responderem a questões presentes no cotidiano do homem moderno de uma forma minimamente angustiante, encontram eco e audiência naqueles espíritos que sofrem e buscam referências de apoio. Os sujeitos dos discursos analisados posicionam-se claramente pelo resgate e pela manutenção de princípios de conduta pautados na divisão de papéis sexuais e o fazem legitimando seus preceitos numa suposta origem natural dos gêneros. Esta perspectiva reduz a angústia do sujeito em situação crítica por oferecer-lhe moldes identitários que soam como possíveis soluções para as dúvidas de posicionamento existencial.

Concluimos que, em primeiro lugar, existem mecanismos de construção de subjetividades e territorialização de identidades que perpassam toda a construção textual. Um recurso de agenciamento revela-se na própria facilidade de leitura das quatro obras, o que provavelmente colabora para elevar o número de leitores(as) interessados(as). É regra na literatura de massa e, por decorrência, nos textos de autoajuda, manter-se uma linguagem comum e até coloquial, para penetrar a atenção e o gosto do homem médio, ou seja, tornar o discurso assimilável pelo máximo de indivíduos representativos da maior quantidade de grupos heterogêneos possível.

Um segundo mecanismo de agenciamento repousa no fato de que, em alguns gêneros textuais propostos, por exemplo, a presença de um jargão científico autorizando a credibilidade do raciocínio ou o apelo à experiência do leitor como validação dos argumentos propostos. Gostaríamos de acrescentar ainda a prática dos testes que não constitui propriamente um recurso linguístico, mas pode colaborar igualmente na condução do leitor a conclusões predeterminadas pelos autores. Em testes, o leitor fica limitado a respostas previamente formuladas, o que reduz e inibe, certamente, posicionamentos singulares diante dos comportamentos testados.

Outro traço discursivo, desta vez temático, é a presença de um reforço dos modelos dominantes de padrões sexuais de comportamento, que estão atualmente em vigor na sociedade e contra os quais vários grupos feministas se pronunciam e que, provavelmente, levam à identificação entre as mulheres citadas nos livros e as leitoras. Sobre isso gostaríamos ainda de acrescentar que a flexibilização dos conceitos que ocorre nos finais dos livros de autoajuda analisados, quando integrada ao contexto geral do texto, denuncia a existência de um jogo de sedução que envolve o leitor de forma perversa. Nas obras analisadas os papéis sociais para cada sexo são rígidos e bem descritos a ponto de que cada leitor passe a “saber” qual é o seu lugar no “jogo”. Logo, ao terminar um texto, no qual todos os conceitos são construídos de forma pouco flexível, afirmando-se que a mudança é, entretanto, possível, depois de conduzir o/a leitor(a) em mais de 150 páginas de deduções e afirmações contrárias, constitui um raciocínio perverso.

Mas esta não é a única contradição no discurso dos autores. Em alguns momentos eles atribuem ao comportamento feminino, como se fosse natural da mulher, a preocupação com a aparência e com a moda. Descuidam, porém, de duas situações que precisam ser consideradas nesse tipo de afirmação: a primeira é que, em vários capítulos de seus próprios livros, são eles que reforçam esse comportamento como próprio da mulher: incitações ao uso de *lingeries* provocantes e da maquiagem e o incentivo a um variado guarda-roupas são encontrados em várias partes do texto, seja de forma direta, seja diluídos em um discurso sobre a importância da boa apresentação e aparência, tanto para obtenção e manutenção de um emprego, como para satisfazer um imperativo matrimonial para a boa harmonia do relacionamento; a segunda consideração lembra que a indústria da moda, em todas as suas subdivisões, é composta principalmente por homens, ou

seja, aquilo que é dado como natural – até biologicamente –, é um fato social construído pela condução das mulheres ao *status* de grandes consumidoras, por meio da atividade masculina nas fases de idealização e produção da indústria da moda e de cosméticos.

Atualmente, se homens alteram seus comportamentos no espaço privado e mulheres, por sua vez, no espaço público, isso se deve a uma série de mudanças sociais em todos os níveis, do político ao religioso, e não há uma decisão de cunho individual, já que o indivíduo isoladamente tem menos força para equilibrar de forma expressiva a relação entre homens e mulheres em sociedade. Dito de outra forma, o autor Içami Tiba apresenta como individual uma alteração comportamental histórico-social à qual o sujeito é induzido pelo seu grupo e seu tempo. Certamente há que se considerar as decisões pessoais do sujeito, sem as quais não se poderia conceber originalmente o surgimento de uma singularização nas subjetividades. Entretanto, não se pode iludir acreditando que essas decisões ocorrem em nível transcendental ao contexto social do sujeito, como geralmente quer a autoajuda, conferindo ao indivíduo, como vimos, um poder e uma responsabilidade de “eu superior” que vai certamente se chocar com os imperativos culturais.

Percebemos que, em relação à “ocupação do espaço público”, existe, nas obras-objetos, a transposição de uma análise sexista, conservadora e dotada de uma subjetividade capitalística voltada para o agenciamento das mulheres. No discurso dos autores, a dominação/conservação de papéis “cristalizados” da diferença sexual no trabalho passa, automaticamente e sem considerações históricas, para a divisão social do trabalho. Melhor dizendo, apoiados em um discurso biologizante, com ênfase clara nas possibilidades e limitações que a ele pertencem, os autores o expandem para a área do trabalho, fazendo assim um discurso da diferença sexual inata que conduziria, sem outros fatores de mediação a uma conseqüente distinção de atividades e papéis no trabalho.

O raciocínio dos autores oculta a diferença histórica da divisão social do trabalho, no qual as mulheres sempre foram consideradas inferiores, mas lutam até hoje para mudá-lo, em busca da igualdade. Não considerar essa construção histórico-social é uma forma de desqualificar toda a história de luta por inserção no mercado de trabalho e por melhores condições de desempenho profissional, que constitui, como programa organizado, um movimento recente, contudo presente e cada dia mais forte nas pautas reivindicativas dos movimentos de singularização.

Verificamos, contudo, que os autores de autoajuda estudados retomam questões próprias às mulheres de muitas décadas atrás, ao atribuir a elas um número maior de ocupações e funções no espaço privado do que no espaço público. A novidade reside no fato de que o discurso desses autores é ancorado em argumentos biológicos e apresentado com uma roupagem aceitável para a sociedade contemporânea, embora muito desse discurso, bastante marcado ainda pelas visões evolucionistas do século XIX, já esteja superado por uma biologia menos positivista e mais flexível à combinação com disciplinas que cuidam de outras dimensões humanas e que constituem o arcabouço de uma antropologia multidisciplinar.

Se fôssemos transformar o objetivo desse artigo em uma pergunta direta, esta seria: “Que perfil feminino é encontrado na literatura de autoajuda?”. Podemos ousar, sabendo de todos os riscos dessa situação, uma síntese com os seguintes termos: a mulher encontrada remonta imagens que temos das mulheres no passado, as que viviam sob a égide da estabilidade de uma relação matrimonial como foco e principal objetivo de suas vidas. Modelos de comportamento para o gênero e distinções de papéis sexuais seculares são atualizados e traduzidos em jargões científicos que podem dissuadir um desejo de mudança efetiva e abrangente. A mulher é

tratada nesses livros a partir de uma boa dose de clichês e estereótipos que no final dificultam a elaboração de uma feminilidade atual e límpida.

Percebemos também que as imagens e exemplos referidos da condição feminina, bem como o público-alvo manifesto, por exemplo, nos apelos aos leitores, circunscrevem-se à esfera de atividade de uma mulher de classe média ou alta, escolarizada, com condições financeiras de usufruir de vários bens que propiciam o conforto e interessada em revisar seus relacionamentos amorosos, enquanto a rotina das mulheres da classe baixa, com suas circunstâncias peculiares de vida e necessidades básicas, são excluídas do *hall* de signos que aparecem nos livros. A mulher deduzida do texto das obras analisadas não tem, por exemplo, amantes, nem é incentivada a tê-los, nem uma mulher liberal sexual e amorosamente a ponto de pensar no “amor livre”. É uma mulher que tem família e filhos como os fatores mais importante de sua vida, mas que também se dedica ao trabalho fora do lar e se entrega a todos os instrumentos necessários para a manutenção da beleza e da aparência. Não dá para saber se é uma mulher feliz, mas com certeza é uma mulher dedicada e satisfeita.

## Sobre o artigo

Recebido: 10/09/2013

Aceito: 16/10/2013

## Referências bibliográficas

- GIDDENS, A. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.
- GRAY, J. **Homens são de Marte, mulheres são de Vênus: um guia prático para melhorar a comunicação e conseguir o que você quer nos relacionamentos**. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.
- GUATTARI, F.; ROLNIK, S. **Micropolítica: cartografias do desejo**. Petrópolis: Vozes, 2005.
- HALL, S. **Identidade cultural na pós-modernidade**. São Paulo : DP&A, 2005.
- PEASE, A.; PEASE, B. **Por que os homens fazem sexo e as mulheres fazem amor? Uma visão científica (e bem-humorada) de nossas diferenças**. Rio de Janeiro: Sextante, 2000.
- PEASE, A.; PEASE, B. **Por que os homens mentem e as mulheres choram?** Rio de Janeiro: Sextante, 2003.
- RÜDIGER, F. **Literatura de auto-ajuda e individualismo**. Porto Alegre: UFRGS, 1996.
- TIBA, I. **Homem-cobra, Mulher-polvo: entenda as diferenças e seja muito mais feliz**. São Paulo: Editora Gente, 2004.